

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS- ICH
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

NICOLE LETÍCIA FACIONI

MULHERES NÓRDICAS MEDIEVAIS:

Uma análise de gênero sobre Guðrún na Laxdæla saga

JUIZ DE FORA

2021

NICOLE LETÍCIA FACIONI

MULHERES NÓRDICAS MEDIEVAIS:

Uma análise de gênero sobre Guðrún na Laxdæla saga

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de História da
Universidade Federal de Juiz de Fora, como
requisito parcial para obtenção do grau de
Licenciada em História.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Denise da Silva
Menezes do Nascimento

JUIZ DE FORA

2021

Ao meu amado padrinho, Seno Vicente Facioni (in memoriam), você foi e sempre será o amor da minha vida. Sinto sua falta todos os dias.

AGRADECIMENTOS

Em todos os momentos vívidos inúmeras pessoas passam por nossas vidas e são elas que nos trazem diversas emoções e sentimentos. Neste momento da conclusão de uma etapa tão importante, não poderia deixar de fazer alguns agradecimentos mais do que especiais:

Minha mãe Eliane e meu pai Jacir, vocês são os melhores pais que uma filha poderia ter! Muito obrigada por sempre apoiarem as minhas escolhas e também me incentivarem a estudar e buscar o conhecimento. Agradeço imensamente por não medirem esforços para ajudar a realizar meus sonhos e sempre me colocarem em suas prioridades. Espero um dia poder retribuir tudo o que fazem por mim. Amo vocês demais!

Meu padrinho Seno (in memoriam), a pessoa com o maior coração desse mundo! Infelizmente você me deixou muito cedo, fazendo com que meu mundo se despedaçasse... Mas eu continuei aqui, vivendo meus dias em sua homenagem. Eu sinto tanto a sua falta e até hoje espero você voltar para te dar a notícia sobre a faculdade. Te agradeço imensamente por ter sido um pai, padrinho e tio tão presente em minha vida e que sempre demonstrou por palavras e atitudes o quanto eu era importante para você, eu sempre vou te amar!

Minha madrinha Erimar, estou prestes a realizar o nosso sonho, me graduar em História! E você foi o meu maior motivo de ter escolhido esse curso, me ensinando desde criança sobre vários momentos da História. Você sempre esteve presente na minha vida e jornada acadêmica, vibrando por cada conquista e querendo saber sobre todos os detalhes do que estava estudando. Muito obrigada por tudo, você é um exemplo de força e coragem para mim.

Meu companheiro Eduardo, sou muito feliz por poder compartilhar a vida contigo. Muito obrigada por ter sido uma das pessoas que mais me apoiou na graduação, me mostrando caminhos para que eu trilhasse de forma proveitosa tudo o que a faculdade me ofereceu. Muito obrigada também por cada momento de cumplicidade, por ter tanta paciência comigo, por todo o carinho de sempre, por me dar forças em todos os momentos e por sempre toparem embarcar nas minhas aventuras pelo mundo das ideias e pelo mundo físico. Você para além de um amor é um amigo que quero ter sempre comigo, te amo!

Meus bichinhos que sou apaixonada, minhas cachorrinhas, Pitchula, Nina, Belinha e Neném (in Memorian), meu coelho Kiko e minha porquinha-da-índia Jade, que foram essenciais, sempre presentes me alegrando e tornando a minha vida muito melhor e cheia de amor!

Minhas Nonnas Laudemira e Letícia (in Memorian) e Nonnos Severino e Balduíno (in Memorian) exemplos de pessoas fortes e trabalhadoras. Fui a primeira da família a entrar em uma universidade pública e digo que essa também foi uma conquista de vocês que sempre trabalharam como colonos e que me deram pais maravilhosos! Muito amor por cada um de vocês.

Minha família, muito obrigada por sempre estarem presentes mesmo que de longe e por proporcionarem momentos inesquecíveis com muitas risadas, amor, carinho e diversão. Um agradecimento em especial para o Tio Adilson e Tia Lene que são meus pais de Campinas sou muito feliz quando estou com vocês, Tio Adair, Tia Rose, Aline e Kevin, por mostrarem que o amor rompe a barreira da distância, Tia Odila, Tia Sônia, Tia Bila, Tio Mingo, Tio Bídio, Tio Jack (in Memorian) que sempre deram forças ao meu pai e que sinto falta dos nossos encontros todos os dias. Lelê, Pietro, Júlia e Lavínia vocês são minha família do coração, muito obrigada por me acolherem. Vocês são uma família maravilhosa e que amo demais.

Minha afilhada Valentina, que doce de menina, tão carinhosa e inteligente, sempre me deixando orgulhosa, será sempre minha Princesa Valen. A dindinha ama demais!

Minha Sogra Eulália, sobrinha Fernanda e Maluzinha, muito obrigada por todo o apoio de sempre. Meu sonho sempre foi ser tia e Fefe me deu esse presente com a Malu, que é a personificação do amor.

Minha madrinha Lenise, muito obrigada por sempre estar presente em todos os momentos marcantes de minha vida e pelo apoio incondicional.

Minhas amigas e meus amigos de faculdade, que alegria ter vocês em minha vida e foram fundamentais para que esse trabalho fosse concluído. Muito obrigada pelos momentos de descontração, de ajuda e apoio. Quero tê-los sempre em minha vida

Minha amiga e professora de dança Tamiris, você é um exemplo de ser humano, minha admiração por você é enorme, sou muito feliz por ter você em minha vida, sempre me apoiou e me ajudou quando mais precisei, é minha maior conselheira e minha inspiração. Minha bailarina de dança do ventre preferida é minha melhor amiga, que um dia todos nós possamos ter pelo menos metade da sua evolução espiritual.

Minhas amigas e amigos que estiveram presentes durante toda a minha vida, muito obrigada por tudo, assim como vibram por mim, eu vibro por cada conquista de vocês e que vocês conquistem o mundo!

Minha professora e orientadora Denise da Silva Menezes do Nascimento, muito obrigada pelo apoio, compreensão e orientação que vem me dando desde o início da faculdade. Muito obrigada também pela oportunidade de ter sido sua bolsista de Iniciação Científica, tenho certeza que essa foi uma das minhas maiores experiências na graduação.

Meus professores de faculdade, posso dizer que foram incríveis e que fizeram me apaixonar por cada área da História. Muito obrigada por compartilharem seus conhecimentos e colaborarem para a minha formação.

A Universidade Federal de Juiz de Fora por toda a infraestrutura e apoio a pesquisa científica, tenho orgulho de ter estudado em uma universidade que busca sempre levantar pautas e luta sempre por seus alunos para que tenham uma formação digna e com apoio.

Agradeço imensamente também a luta feminista que me possibilitou ter acesso a tantos estudos sobre a História de Gênero para que possamos inserir cada vez mais as mulheres na História e para que tenhamos mais mulheres se graduando.

As pesquisadoras e pesquisadores de História Medieval, em especial aos que se dedicam ao estudo da Era Viking por nos aproximar de narrativas e pesquisas tão fascinantes, um agradecimento em especial ao Prof. Dr. Johnni Langer e a Prof.^a Dr.^a Luciana de Campos e todos os colaboradores do NEVE que fazem um trabalho impecável na divulgação de conhecimentos científico dos povos Vikings e Escandinavos.

“A true queen does not need a king”

(Lagertha- Vikings)

RESUMO

O presente trabalho analisa a Laxdæla saga a partir da História de Gênero. A ideia principal deste estudo é compreender como as mulheres da Islândia Medieval estavam sendo retratadas nessas fontes e se os fatos se correlacionam com os estudos já feitos. Para isso, concentramos nossa pesquisa na personagem principal, Guðrún Ósvífrsdóttir, percebendo suas ações e analisando seus quatro casamentos e os conflitos que permeavam sua vida. Finalmente, associamos suas atitudes com o período em questão que antecede e passa pelo processo de cristianização da Islândia.

Palavras-chaves: Era Viking, História de Gênero, Islândia Medieval, Mulheres Nórdicas, Período Medieval.

ABSTRACT

The present work analyzes the *Laxdæla* saga from the point of view of the Gender History. The main idea of this study is to understand how women in Medieval Iceland were being portrayed in these sources and if the facts correlate with the studies already done. In order to do that, we concentrated our research on the main character, Guðrún Ósvífrsdóttir, perceiving her actions and analyzing her four marriages and the conflicts that permeated her life. At the end, we associate her attitudes with the period in question that precedes and goes through the process of Christianization in Iceland.

Keywords: Viking Age, Gender History, Medieval Iceland, Nordic Women, Medieval Period.

Sumário:

| | |
|--|----|
| 1- Introdução:..... | 11 |
| 2- Sagas de Família: | 15 |
| 3- História de Gênero e Mulheres Nórdicas: | 19 |
| 3.1- História de Gênero | 19 |
| 3.2- Mulheres Nórdicas | 21 |
| 4- Análise da Laxdæla saga..... | 26 |
| 5- Considerações finais:..... | 34 |
| <i>Bibliografia:</i> | 35 |

1- Introdução:

Ao pensarmos no Período Medieval, muitas vezes nos vem à cabeça a imagem estereotipada de mulheres, atrelando as mesmas a papéis submissos, sem poder de fala, ligadas somente ao espaço privado e que são meras coadjuvantes na História. Porém o que se vem percebendo é que nas escritas atuais, a mulher tem ganhado cada vez mais espaço nos diversos estudos dos períodos da História, o que nos leva a refletir sobre as várias mulheres que compõem o Medievalo, em específico as mulheres que viveram no Norte da Europa.

Os povos Nórdicos da época estão sendo cada vez mais retratados em produtos de divulgação midiática, o que torna atrativa a pesquisa dessas temáticas¹. Isso gera diversas inquietações acerca do modo de vida das sociedades que habitavam o Norte da Europa durante o Medievalo. Com isso, diversos estudos estão surgindo e sendo aprofundados para que se tenha uma melhor compreensão sobre os costumes, tradições, religiões, sociabilidade, entre outros aspectos dos Vikings e seus descendentes.

Entretanto, é preciso ir além dos estudos centrados no homem e nesse sentido é de extrema importância refletir sobre a posição das mulheres nessa sociedade, levando em consideração suas atuações e representações e buscando uma resignificação das suas práticas para que tenhamos uma História mais inclusiva e que se aproxime cada vez mais das realidades da época. Buscaremos explorar os dinamismos dessas mulheres nessa sociedade, confrontando escritas que mitificam as mesmas, como diz Natalie Zemon Davis:

Some studies were seriously researched; others mixed the mythical with the real. But all of them had a polemical purpose: to disclose the range of female capacity, to provide exemplars, to argue from what some women had done to what women could do, if given the chance and the education. Indeed, a certain part of women's history today is still in the tradition of Women Worthies. (Davis, 1976, p.83)

A partir disso, iremos entender a importância das mulheres islandesas dentro da formação desse país que foi criado a partir da centralização de países Escandinavos e que fez com que alguns emigrantes se assentassem

¹ LANGER, Johnni. Estudos Nórdicos Medievais: alguns apontamentos historiográficos, 2017.

por aquela região tornando-a oficial no ano de 930². Culturalmente falando, a Islândia teve grande notabilidade devido à produção das famosas Sagas, que relatavam os costumes daquela sociedade, cultura, histórias de reis, sobre famílias e etc. Outros documentos importantes deixados pelos Nórdicos foram as Eddas e as poesias escáldicas que também narravam histórias e feitos de Vikings escandinavos e incursões nórdicas. A importância dessa produção literária vai além do entretenimento, já que também se constituem como fontes que nos permitem compreender a vida social e o lugar da mulher em tais grupamentos.

As sagas islandesas são um bom exemplo da importância da literatura escandinava medieval, não só para o contexto da época, mas para o pesquisador contemporâneo estudar e compreender a complexidade dessa literatura que foi produzida nas geladas terras do Norte. Toda essa produção literária quando comparada à literatura produzida no restante da Europa, principalmente na França possui suas especificidades o que lhe confere o que podemos chamar de —singularidade literária tornando-a um objeto de estudo fundamental para se compreender e, posteriormente analisar com profundidade a Literatura produzida no Ocidente Medieval. (CAMPOS, 2018, p.37)

Devemos estudar uma sociedade como uma forma complexa e com seus próprios meios de funcionamento, e a partir disso, iremos investigar como as mulheres estão sendo retratadas dentro de uma Saga de família, que busca retratar os acontecimentos marcantes dentro de uma determinada linhagem, iremos então estudar a “Laxdæla saga” a partir dos estudos de gênero aplicados à História, pois sabemos que as mulheres estavam inteiramente ligadas ao funcionamento das sociedades medievais, em particular as Nórdicas. Atentando-nos para isso, aprofundaremos as questões de gênero a partir da análise mais profunda da “Laxdæla saga”, sendo imprescindível um levantamento dos aspectos culturais dessa sociedade. Pois olhar para a mulher é estudá-la a partir dos diferentes aspectos da vida em sociedade, como por exemplo, o campo cultural, que há uma enorme gama de possibilidades analíticas que podem nos levar a ter conclusões mais ricas acerca do tema, como elucida Burke (1992, p.25), “O estado, os grupos sociais e até mesmo o sexo ou a sociedade em si são considerados como culturalmente construídos.” Juntamente à História de Gênero, que será uma grande aliada no que diz

² LANGER, Johnni. Dicionário de História e Cultura da Era Viking. São Paulo: Hedra, 2017, p.431

respeito às problemáticas iniciais que devem ser refletidas nessa Saga, que são as mulheres. Através das Teorias de Gênero, buscaremos expor a atuação das mulheres nessa sociedade, e como está sendo atribuída a relação dela dentro dos casamentos e com a família.

Mas por que estudar Gênero em sociedades Nórdicas Medievais? Essa é uma pergunta interessante que nos possibilita pensar em quebrar estereótipos sobre as mulheres da época e que se faz necessária, pois ainda temos a necessidade de inserir as mulheres como sujeitos históricos e sociais dentro de narrativas que já estão saturadas de atuações masculinas e exaltações de seus feitos. Onde Peter Burke (1992, p.12) afirma que, “Ao resto da humanidade foi destinado um papel secundário no drama da história. A existência dessa regra é revelada pelas reações a sua transgressão.” Uma sociedade não se faz com somente um gênero, por isso temos que entender essa temática como um conjunto, posto que a história de gênero nos leva a estudar a mulher em suas inter-relações e interações sociais. Como se pode observar:

Gostaria de argumentar que a narrativa necessita de alguma reflexão crítica, não apenas por não ser tão simples, mas também porque representa mal a história da história das mulheres e seu relacionamento, tanto com a política, quanto com a disciplina da história. (Scott, 1992, p.65)

Tendo em vista essas colocações, iremos dividir esse trabalho em alguns capítulos, no primeiro buscaremos explicar o que são as Sagas de famílias, como elas são construídas, onde se passa, diferença entre o período de ação e o de escrita, quais são as famílias retratadas e a importância desses relatos para a escrita da História dessa região.

Já no Segundo capítulo, abordaremos sobre o Estudo de Gênero apontando suas metodologias e análises sobre as mulheres. Juntamente a essa análise, também iremos lançar luz sobre alguns estudos sobre as mulheres Nórdicas da Era Viking e suas ações dentro das sociedades, mostrando como eram as mulheres Nórdicas no Período Medieval e suas relações com questões conjugais.

No Terceiro Capítulo iremos analisar as relações sociais de gênero na “Laxdæla saga” levando em consideração os dois capítulos anteriores,

tentando mostrar a inserção das mulheres dentro dessa Saga, focando principalmente na personagem Guðrún e suas ações, que são o que tornam essa Saga conhecida e o que nos motivou a estudá-la. E por fim falaremos sobre nossas considerações finais acerca dos estudos que foram realizados ao longo desse trabalho.

2- Sagas de Família:

Para aprofundarmos nosso estudo sobre as Sagas e sua forma de escrita, temos que entender que há uma variedade de experiências que as compõem. As primeiras Sagas buscam retratar o processo de migração dos Noruegueses para a Islândia, o processo de ocupação e construção de assentamentos. Dessa maneira, têm-se a necessidade de escrever relatos que mostrem como se deu essa ocupação e os nomes que estavam envolvidos de alguma maneira com os primeiros assentamentos.

É importante ressaltar que as Sagas possuem autoria anônima, o que nos deixa curiosas acerca da pessoa que escreveu sobre essas diversas narrativas. Sua forma de escrita se assemelha as prosas, visto que eram textos que em um primeiro momento eram declamados e as pessoas que o escutavam já tinham conhecimento desse formato e até mesmo da estória. Foi somente após o processo de Cristianização da Islândia que as Sagas começaram a ser escritas, na medida em que era comum na cultura Cristã manter registros escritos sobre algumas tradições orais.

É fundamental ressaltarmos essa questão da oralidade da saga que é herdada de outros gêneros literários da Escandinávia medieval, pois, a rica tradição oral é sempre ressaltada pela poesia escádica, mitologia éddica, poesia heroica, listagens mnemônicas que permitiam ao recitador lembra-se de nomes, lugares e acontecimentos além das genealogias, a prosimetria e, claro, as sagas orais. (CAMPOS, 2018, p.32)

Geralmente as Sagas são compostas por histórias de uma pessoa em particular que tenha feito alguma peripécia, sobre famílias, alguns guerreiros que tivessem feito algo grandioso e também sobre algumas regiões. Esses diversos casos subdividem as Sagas por temáticas, sendo elas as Sagas de Reis, Sagas Legendárias, Sagas de cavalaria, Sagas Contemporâneas, Sagas de Bispos e Sagas de Família.

Neste trabalho vamos nos deter nas Sagas de Família, que é o nosso objeto de estudo, haja vista que a Laxdæla Saga é uma narrativa familiar. A ação desse tipo de Saga se passa geralmente entre os séculos X e XI e em determinadas regiões da Islândia, começando a narrativa pelos primeiros colonizadores dessa terra passando por diversas gerações até chegar aos personagens principais. Comumente há uma rivalidade entre famílias que faz com que essa história se desenrole, resultando narrativas sobre vinganças e honras de família.

A estruturação das Sagas de Família se dá a partir de uma introdução, onde se apresenta os personagens que irão compor essa história, apontando a árvore genealógica para que se possa compreender a ligação que um personagem tem com o outro. O andamento da Saga está diretamente ligado a um conflito, que também será introduzido nessa parte inicial. Algumas características também são abordadas, como Theodore M. Andersson diz:

On occasion the idea of a conflict is reinforced by contrasting the desirable qualities in the hero of the saga to the undesirable qualities in the villain. In such cases the characteristics usually stressed are good nature, patience, and popularity. (ANDERSSON, 1967, p.8).

Podemos perceber então que essa introdução busca apresentar e caracterizar personagens que darão segmento a uma linhagem de família para que possamos compreender o desenvolvimento da narrativa desde seu começo e percebendo se há acontecimentos que podem se relacionar com ações futuras.

A segunda característica que pode ser observada dentro da estruturação dessa Saga é o conflito, que geralmente é entre dois homens. Essa é a parte que tem uma tensão textual, que faz com que os expectadores da Saga fiquem apreensivos com o que virá a acontecer.

All the sagas make use of these provocations in one combination or another. They provide the main substance of the story and our judgment of the saga depends on how well it arranges and dramatizes them. (ANDERSSON, 1967, p. 16).

Na Laxdæla Saga esse conflito se dará entre Bolli e Kjartan, dois parentes que se desentende por uma importante mulher da região, Guðrún, que será explorada nos próximos capítulos. Ou seja, todas as Sagas de Família contam com esse elemento para compor a História.

Após isso, temos o Clímax da Saga, essa parte geralmente antecede alguma passagem que envolverá atos violentos contra algum protagonista, que no nosso caso resultará na morte de Kjartan. A morte de um dos personagens principais causa grandes reviravoltas nas Sagas, fazendo com que haja aproximações entre pessoas que tenham um sentimento em comum de luto pelo personagem que venham a buscar vingança.

E vingança é mais uma das subdivisões das Sagas, e elas são carregadas de emoções, aonde um grupo de homens vai até aquele que matou o personagem principal e o aniquilam. Esse grupo de homens é composto por um sentimento em comum, a vingança, às vezes, como na Laxdæla Saga,

alguns membros têm desentendimentos entre si, mas deixam isso de lado para que o objetivo final seja cumprido. Há casos em que essa vingança é paga por meio de dinheiro, onde a pessoa que matou o protagonista, paga uma quantia devido aos danos causados pela morte desse homem, em alguns casos essa ação é aceita e em outras há vingança do mesmo jeito, fazendo com que haja uma sequência de ações violentas que acabam não tendo final.

Na Laxdæla Saga, ainda há uma contra vingança, que foi resultante da vingança da morte de Bolli. O que fez com que a História se prolongasse e tivesse uma característica a mais do que as outras, tratando dessa situação. Com isso a pessoa que escreveu essa Saga, fez com que ela se tornasse diferente das demais e mostrasse para além da vingança o que mais existia na Islândia quando fatos que resultavam em morte aconteciam, uma série de desavenças.

Logo em sequência, começa a parte de reconciliação, que é fundamental para a construção das Sagas, dado que elas são construídas balanceadas, onde os fatos se interligam para que haja um desfecho. E a função dessa seção é reconciliar as partes envolvidas em um conflito, sejam elas por meios legais ou pessoais, e sempre há alguém para intermediar essas reconciliações para que elas sejam realmente cumpridas. No caso da nossa Saga estudada o intermediador era Snorri Godi, que sempre era consultado antes de algumas ações serem feitas e também após para buscar bem estar na sociedade. Pois como diz Andersson (1967, p.26), "The authority of these men was felt to be a factor in the success and permanence of a settlement."

E por último, mas não menos importante, temos a conclusão, que busca arrematar as histórias narradas, trazendo informações de anos posteriores aos acontecimentos citados. Nessa parte a escrita mais tensa é deixada de lado, trazendo elementos que nos mostram como os personagens viveram até seus últimos dias e deixando brechas para que outras Sagas possam ser escritas a partir das ações demonstradas. Podemos observar na Laxdæla Saga uma abordagem acerca da vida de Guðrún e das vivências de seus filhos, focando pontos que diferem Guðrún das mulheres da época e mostrando a natureza exploratória que seus filhos tinham de conhecer e construir assentamentos em novos espaços.

Podemos compreender então que as Sagas de Família são um rico material para que possamos pesquisar sobre os países nórdicos do Período

Medieval. Levando-se em consideração que são escritas que narram as Histórias de pessoas influentes durante o período de colonização da Islândia. Mas temos que compreender que esses escritos passaram por diversas discussões entre historiadores, até que eles fossem utilizados como fontes históricas de estudos, dado que sua escrita é posterior ao momento de ação. Porém são ótimas fontes para que os historiadores possam fazer perguntas e construam narrativas acerca dos momentos históricos da época.

Sem sombra de dúvida, as sagas islandesas constituem uma das mais importantes fontes para os futuros estudos sobre Sociedade, História e Literatura não somente da Escandinávia, mas também para repensarmos a própria Europa medieval e os métodos e teorias criadas pelos acadêmicos para realizar estas investigações. (LANGER, 2009. p. 12).

A partir disso, faremos uma análise, no terceiro capítulo, da Laxdæla Saga, elucidando a presença das mulheres na composição dessa História e sua autonomia, entendendo que ter autonomia é algo que se difere nos períodos da História.

3- História de Gênero e Mulheres Nórdicas:

3.1- História de Gênero

Ponderando a fonte escolhida para análise desse trabalho, Laxdæla Saga, consideramos estudá-la a partir da perspectiva de Gênero aplicada à História. Ao estudar História, podemos perceber diversos acontecimentos que envolvem mulheres serem retratadas, porém elas não aparecem nesses relatos. Assim, a elas muitas vezes é relegado o silêncio e o esquecimento ou são associadas à condutas dominantes com pouca ação e recheados de estereótipos que colaboram para a deturpação de suas Histórias e que refletem até os dias atuais. A História de Gênero vem sendo muito debatida em meios acadêmicos, gerando diversos estudos sobre as mais variadas esferas analíticas. Com isso, iremos debater sobre essa lógica de estudo, como ela surgiu, se estruturou e após isso pretendemos falar sobre as Mulheres Nórdicas.

O estudo de Gênero surgiu como uma forma de reavaliar os critérios do trabalho científico, como diz Joan Scott.³ Essa forma de estudo nos mostra que buscamos por uma nova História, onde haja mulheres atuando e desempenhando seus papéis em colaboração para o desenvolvimento das sociedades. Isso faz com que essa forma pormenorizada de estudo se associe diretamente a outras metodologias de estudos dos períodos da História, sendo interligada a questões sociais, culturais, econômica, políticas e entre outras.

Até o século XIX, faz-se pouca questão das mulheres no relato histórico, o qual, na verdade, ainda está pouco constituído. As que aparecem no relato dos cronistas são quase sempre excepcionais por sua beleza, virtude, heroísmo ou, pelo contrário, por suas intervenções tenebrosas e nocivas, suas vidas escandalosas. A noção de excepcionalidade indica que o estatuto vigente das mulheres é o do silêncio que consente com a ordem. (PERROT, 1995, p.13)

Estudar Gênero é compreender que as ações das mulheres estão interligadas às ações dos homens e vice-versa. Em uma análise mais completa da sociedade não podemos deixar de associar os gêneros com sua funcionalidade. Consequentemente deixaremos de lado as visões binárias de Gênero e discutiremos a História como um todo, onde a Mulher será abordada a partir de suas ações e não nos voltando apenas para os homens de sua época e suas atitudes.

³ SCOTT, Joan, gênero: uma categoria útil para análise histórica, 1989.

Atentaremos-nos a uma análise que busca compreender a função das mulheres nessa sociedade Medieval e sua autonomia. Com isso nos afastaremos de possíveis teorias do patriarcado, visto que analisar a partir dessa perspectiva poderia nos fazer entrar em um campo perigoso e cheio de anacronismos e nossa ideia não é julgar as ações das pessoas da época, mas sim compreender como elas estavam sendo desenvolvidas.

Temos que examinar atentamente os nossos métodos de análise, clarificar as nossas hipóteses operativas e explicar como pensamos que a mudança se dá. Em lugar de procurar as origens únicas, temos que conceber processos tão ligados entre si que não poderiam ser separados. É evidente que escolhemos problemas concretos para estudar e esses problemas constituem começos ou tomadas sobre processos complexos, mas são processos que temos que ter sempre presentes em mente. (SCOTT, 1989. p.20).

Por isso é importante entender que a categoria de Gênero está diretamente associada a relações de poder e questões sociais. Tendo sempre relação com alguma representação simbólica de mulheres que sejam o padrão ideal a ser projetado nas mulheres de cada época. Portanto, devemos nos atentar ao fato de que essas imposições também não eram aceitas por todas as mulheres e muitas se desviavam desse padrão, o que acaba sendo muito interessante de se estudar e que colabora para que a escrita da História seja mais diversificada, não tratando a mulher como um ser humano já moldado e que seguirá essas premissas, mas sim a entendendo como um sujeito ativo.

Raciocinando a partir dessas informações, compreendemos que falar sobre Mulheres é escrever uma História que se difere da que já está posta. Há novas maneiras de se investigar, novas perguntas a se fazer, novas fontes a serem estudadas e uma nova perspectiva das fontes que já foram estudadas também pode ser abordada. Pois como diz Michelle Perrot (1995, p.28), “Uma vez que as relações entre os sexos são diferentes, também difere a maneira de escrever sua história.” Pesquisando a partir da História de Gênero podemos fazer correlações entre ações de mulheres no passado e debate-las nos dias atuais. Só temos a ganhar ao estudar sobre mulheres, sejam elas camponesas, fazendeiras, rainhas, artesãs, donas de casa, mães, prostitutas e todas as outras camadas que a História nos oferece para serem estudadas. As mulheres são partes fundamentais da construção Histórica de períodos, de guerras, de desenvolvimentos tecnológicos, científicos, filosóficos e educacionais. Então

nada mais justo do que coloca-las nessas pesquisas e mostrar que são pessoas pensantes e com ações e vontades próprias.

3.2- Mulheres Nórdicas

Tendo em vista essas pontuações, iremos ponderar a partir de agora sobre as mulheres Nórdicas Medievais, elucidando algumas características de suas vivências e investigando sobre alguns estudos que abordam essa temática. Durante o período medieval, as mulheres islandesas basicamente cuidavam da casa e dos filhos, alimentavam os animais e teciam roupas, mas para, além disso, foram elas que juntamente aos homens ajudaram a ocupar e construir assentamentos na Islândia, sendo importantes personagens na construção da história desse país.

Compreendendo isso, vamos examinar sobre suas ações, relações conjugais, envolvimento político e econômico. Buscando elucidar as atitudes que nos chamam atenção para a época. Como se sabe as mulheres Nórdicas tinham poder de interferir na escolha de seus maridos em alguns casos, decidindo se gostariam ou não de se casar com determinados homens. Como diz Jóhanna Katrín Friðriksdóttir:

I will argue that many of the women in Old Norse–Icelandic literature can be seen as surprisingly powerful, and I will map out the ways in which they gain agency, whether by speech or actions, with or without social sanction. (FRÍÐRIKSDÓTTIR 2013, p.01)

Os casamentos na Islândia Medieval, geralmente eram arranjados e tinham como finalidade aumentar a extensão de terras, ou seja, eram ligados a acordos que visavam aumentar de geração em geração suas propriedades.

O primeiro passo era o noivado, e com isso o pai da noiva costumava esperar que o candidato certo aparecesse, com isso o pai do possível noivo pagava para o pai da noiva e mais alguns parentes ir visita-los, neste encontro eram apontadas as qualidades tanto do noivo quanto da noiva. Se o noivo fosse um Berserk ou um homem que não fosse presente, o pai da noiva poderia recusa-lo como genro. Mas caso ambas as partes ficassem satisfeitas, começava-se a negociação do preço que deveria ser pago para a família da noiva. Por mais interessada que a noiva estivesse nesses preparativos, ela não poderia participar das negociações, sendo um espaço delegado aos homens.

The law nowhere implies that a woman in pagan times was asked for her approval, but clearly states the father's right to force his daughter

into a marriage he desire. According to na addition to the law made probably around 1200 and found only in one manuscript, a father was prohibited from forcing his daughter to marry if she wanted to become a nun. (JOCHENS, 1995, p. 27)

Algumas imposições eram colocadas para que se casassem, dentre as quais destacamos que era proibido incesto, estando escrito nas leis que não era permitido um filho dormir com sua mãe, filha ou irmã.⁴ Mas na sociedade nórdica, não havia problemas em cometer incestos com outros parentes sem ser os citados, havia até histórias sobre divindades que se relacionaram com familiares, e o islandeses não evitavam se casar com pessoas do mesmo núcleo familiar. Porém as leis se endureceram quando o cristianismo começou a se instalar na região, visto que para essa religião era um pecado tal ato. Mas ainda assim levou tempo para que se adequassem a tais ordens, pois há Sagas que relatam o casamento entre irmãos e este não era um assunto discutido antes de tais regulamentações.

Falando sobre o casamento, essa junção basicamente busca regulamentar o contrato feito anteriormente e gerar filhos, que após nascerem, pertencem ao pai, em virtude disso carregarem o sobrenome que designa de quem é filho. Somente levam o nome da mãe no final quando o pai morre antes da criança nascer.

A cerimônia em si acontece na casa da noiva e somente é consumado após a noiva ir para a cama com o noivo e seis testemunhas confirmarem os acontecimentos. Geralmente as festividades duram muitos dias e os noivos ganham vários presentes dos convidados, que são restritos as pessoas mais próximas.

Porém muitos casamentos não duravam muito, já que o divórcio era fácil de obter, alguns exemplos em que os divórcios eram aceitos são: quando um casal é tão pobre que não consegue criar seus filhos, ou quando se tinha algum parente necessitado e um dos cônjuges não aceitava ajuda-lo, nesse caso poderia pedir o divórcio imediatamente.⁵ Outro motivo aceito é quando o marido desejava ir se estabelecer em outro país sem a vontade da esposa, a mesma poderia pedir para se separar, sendo respaldada pelas leis da época. Se um dos cônjuges agredisse o outro, o que sofreu o ato de violência poderá dar fim ao casamento, dado que era proibido agredir os companheiros. E por

⁴ JOCHENS, Jenny. **Women in Old Norse Society: A Portrait.** 1995, p.22

⁵ JOCHENS, Jenny. **Women in Old Norse Society: A Portrait.** 1995. p. 55

último, se casar com algum parente, era visto como ato incestuoso, proibido na maior parte da Europa, e se descoberto o divórcio aconteceria. E nessas situações havia a repartição de terras e bens entre as duas partes.

So too, when there was no increase in status, wealth or security for the bride's family, ways could be found to end the marriage. Many Icelandic women married several times, and neither age nor lack of virginity was a hindrance. (BYOCK, 2001 p.215)

Sobre as viúvas, havia diferentes maneiras de agir dependendo da idade, se a mulher se tornou viúva após sua época fértil, não há motivos para se casar novamente, então a mesma busca aproveitar sua vida com a independência que é dada as viúvas. Essa posição dava a elas grandes poderes que geralmente eram associados aos dos homens, sendo que as mesmas poderiam falar por si e até mesmo ordenar que algumas atitudes fossem tomadas caso acontecesse algo no qual elas não aprovavam. Como por exemplo, pedir para que a protegessem de algum ato sexual quando chegasse algum estrangeiro.

Em relação as que se tornaram viúvas ainda novas, as mesmas passavam pelo mesmo processo de noivado e casamento que foi descrito anteriormente, pois ainda podiam gerar filhos e também não teriam idade o suficiente para exercer o poder que uma mulher mais velha tem e que veio adquirindo conhecimento ao longo do tempo.

Comumente as mulheres que tinham o poder de escolher seus maridos, eram as viúvas, apesar de que a última palavra era sempre de seu pai. Mas uma mulher separada não necessitava da permissão dos pais para se casar com quem desejasse, tendo o livre arbítrio de se casar com quem quisesse.

Em relação a gravidez, os homens assumiam e colaboravam com a mulher quando já estavam casados, porém caso não estivessem, a situação era um pouco mais delicada, pois a mulher após o nascimento da criança deveria leva-la ao pai para que houvesse uma cerimônia de escolha do nome, porém caberia somente ao homem aceitar ou não o neném como seu. As mulheres também continuavam a trabalhar mesmo estando grávidas, e quando o bebê estava prestes a nascer, somente mulheres estariam presentes até o final para ajudar na sua chegada ao mundo. Normalmente as mulheres voltavam ao trabalho logo, não havendo período de afastamento.

The normal birth position was for the woman to kneel on the floor, with helpers ready at her knees or supporting her arms. As the birth progressed, she would shift to a knee-elbow position, and the child

would be received from behind. Runes and songs were offered as age-old remedies for difficult births, probably performed by helping woman (bjargrýgr) trained through experience in apprenticeship. (JOCHENS, 1995, p.80)

Falando sobre o trabalho, ele era visto como uma condição natural do ser humano e necessário para sua sobrevivência. Os primeiros a colonizar a Islândia trouxeram diversas sementes e animais para que uma nova vida fosse iniciada, então trabalhar com a produção de alimentos era algo comum a grande maioria. O trabalho era árduo, uma vez que o alimento deveria ser produzido em maior quantidade, pois durante o inverno era impossível cultivar, tendo que recorrer aos estoques. Geralmente as mulheres além de fazer os serviços de casa, também ajudavam no trabalho do plantio e colheita.

The observation that men's work involved outdoor tasks should not lead one to conclude that women's domain was confined entirely to the indoors. The basic distinction between male and female work was that men exploited nature directly, bringing back grain and hay, slaughtering animals, fish and eggs, whereas women's work primarily consisted of processing and converting the results of male work for short-term consumption and long-term preservation. Some of these tasks were performed outdoors, others inside the house. (JOCHENS, 1995, p.120)

Enquanto os homens participavam de diversas atividades que envolviam o lazer, as mulheres eram relegadas ao trabalho, sendo poucas às vezes em que uma mulher socializava com a outra sem ser trabalhando. Ou seja, as mulheres trabalhavam mais que os homens na Islândia Medieval.⁶ E trabalhavam ainda mais se fossem pobres, pois as mesmas ajudavam diretamente na produção de alimentos, deixando os filhos sendo cuidados pelas avós. Sendo assim, as mulheres eram familiarizadas com os trabalhos ditos como masculinos. A elas também eram relegados os trabalhos de coletas, sejam de frutas, ovos, e tudo mais que a natureza provia e que fazia parte da dieta nutricional desses povos.

Na Política, quem participava das Althing eram os homens, porém haviam diversas leis que envolviam as mulheres nas Grágás:

If a man forces a woman down for his purpose or gets into bed beside her intent upon having intercourse with her, then the penalty for that is full outlawry and it is to be summoned locally and nine neighbours of the man prosecuted are to be called at the assembly. If the woman is prepared to take offence, and given that intercourse did not take place, any such case lies with her if she wishes to prosecute, or if she

⁶ JOCHENS, Jenny. **Women in Old Norse Society: A Portrait**. 1995. p.100

is unwilling to prosecute, with her legal administrator. (FOOTE; PERKINS, 1980, p. 69)

Tanto os homens quanto as mulheres poderiam recorrer a essas leis caso necessário, mas é interessante notar o empenho na organização dessa sociedade que ainda em uma época com tantos estigmas, formulava leis que envolvessem as mulheres e que as protegessem de atos que fossem contra suas vontades. A partir disso podemos perceber que a atuação das mulheres na política era praticamente inexistente, sendo somente presente nas leis.

A partir dessas colocações, podemos perceber que as mulheres nórdicas medievais tinham grande importância no que diz respeito ao funcionamento dessa sociedade. Estando diretamente ligadas ao trabalho que estava envolvido com a economia que circulava entre eles mesmos, na incorporação de terras advindas dos casamentos, dos cuidados com as fazendas, filhos e da casa, tendo uma tripla jornada, o que colaborou para que se assentassem definitivamente na Islândia. E também observamos a importância e autonomia que uma viúva tinha nesses povos, sendo algo notável para o período e nos remete a Saga que será analisada a seguir.

4- Análise da Laxdæla saga

Após compreendermos as estruturações das Sagas e suas diversas formas de narrativa, é preciso colocar em evidência nosso olhar voltado para a História de Gênero e explicar brevemente alguns lugares onde podemos perceber a presença feminina na Islândia Medieval. Partiremos agora para a análise do nosso objeto de estudo que é a Laxdæla saga.

Em um primeiro momento é importante falar que essa é uma Saga de Família que tem seu período de ação entre os anos de 890 até 1030 e foi escrita entre 1250 e 1270. Ou seja, ela se passa em um período anterior e posterior a chegada do Cristianismo na Islândia. Mas sua escrita foi feita já com o cristianismo instaurado na região.

Essa é uma narrativa onde a mulher está muito presente, desde o início até o final da história, o que nos motivou a pesquisar sobre a mulher dentro dessa Saga. Daremos ênfase a personagem Guðrún, mas também citaremos outra mulher que teve importância ao compor essa narrativa.

A Saga descreve a linhagem de Ketil Flat-Nose, retratando sua saída da Noruega, até chegar à Islândia com sua filha Unn the Deep-minded, onde se assentaram e se tornaram uma das famílias mais influentes da região. Unn foi uma importante mulher que após a morte do filho e marido, fez uma longa jornada até chegar à Islândia, passando por diversas localidades para visitar seus irmãos e familiares. Após isso, ao chegar a seu destino, doou várias porções de terras para aqueles que a acompanharam nessa viagem para que se estabelecessem e tivessem como começar suas vidas. Unn doou o resto de suas terras após sua morte para Olaf Feilan, seu neto, e custeou todo o banquete de casamento do mesmo, visto que ela tinha grande apego e carinho por ele. Unn veio a falecer na manhã seguinte do casamento de Olaf e todos os convidados continuaram a comemorar, pois Unn havia sido uma pessoa muito importante para a colonização da Islândia.

É imprescindível perceber que Unn tinha esse privilégio de mandar nas próprias terras devido ao fato de ser viúva, pois como já foi dito, após uma mulher se tornar viúva ela tem autonomia de tomar suas próprias decisões. O que reflete essa especificidade na Saga. Como diz Loren Auerbach “The story of Unnr and her organisation of her descendants demonstrates clearly how a woman can be influential, intelligent, respected and perfectly capable of fulfilling a ‘male’.” (AUERBACH, 2001, p.30).

Com isso a história vai se desenrolando até chegar à nossa personagem principal, a que iremos voltar nossos olhos nesse trabalho. Guðrún Ósvífrsdóttir, foi uma mulher conhecida por sua beleza, generosidade, inteligência e articulação. E sua narrativa começa e ser contada a partir da sua inquietação com quatro sonhos que tivera e com a chegada de seu parente Gestr, no qual ela recorreu para que a ajudasse a compreender o que esses sonhos significavam. Com isso Gestr disse que poderia ajuda-la a interpretá-los. Esses sonhos estavam diretamente relacionados com o que iriam vir a acontecer nessa Saga. Gestr disse que Guðrún Ósvífrsdóttir teria quatro maridos, o primeiro não iria agrada-la e mesmo ele morrendo, ela não iria se importar. O segundo ela iria gostar dele, porém desfrutaria pouco tempo ao seu lado. O terceiro ela teria uma boa relação com o mesmo e com ele uma nova religião chegaria, mas este viria a ser assassinado. O quarto ela já teria mais maturidade, passaria bons momentos com o mesmo, porém também iria falecer.

Os sonhos são importantes elementos que colaboram para a narrativa dessas fontes e suas interpretações estavam diretamente ligadas aos costumes e sendo um importante fator dentro da realidade dessa sociedade. Comumente elas fazem parte das Sagas e das Eddas trazendo alguma informação acerca de características de algum personagem, previsões sobre o futuro ou sobre assassinatos e estão associados a características pagãs.⁷

Quando Guðrún fez quinze anos, Thorvald, na Althing⁸, pediu a mão dela em casamento para seu pai, sendo descrito todo o ritual de negociação e apresentações que eram necessários nessa sociedade. Combinada as condições com Ósvíf, de que ela poderia controlar as finanças e também ficaria com metade dos pertences caso o casamento acabasse, ela foi prometida, mesmo que Thorvald achasse que esses pedidos não fossem comuns para época. Guðrún Ósvífrsdóttir não demonstrou animo e também não foi

⁷ FABRO, Eduardo. Sonhos. In: LANGER, Johnni. **Dicionário de Mitologia Nórdica: Símbolos, Mitos e Ritos**. São Paulo: Hedra, 2015, p. 481-482.

⁸ A Althing pode ser entendida como assembleia geral da Islândia, instaurada em 930 usando um sistema legal baseado no Gulathing norueguês. A Althing era realizada em um espaço aberto na planície de Thingvellir, a aproximadamente 50km a leste da Reykjavík contemporânea, no sudoeste da ilha. A assembleia era iniciada pelo Allsherjargodi, que sacralizava o início da assembleia geral. Todos os homens livres, excluindo aqueles declarados fora da lei, encontravam-se na Thingvellir por duas semanas durante o solstício de verão, e lá as disputas legais mais importantes eram resolvidas por meio do auxílio do lögsögumadr, o falador das leis. OLIVEIRA, André Araújo. Althing. In: LANGER, Johnni. **Dicionário de Cultura da Era Viking**. 1. ed. São Paulo: Hedra, 2017, p. 35-36.

perguntada sua opinião sobre o que achava de se casar com Thorvald. Para deixa-la ainda mais desanimada, o casamento não foi grandioso, o que a fez cogitar que talvez não fosse merecedora de algo maior. Porém um tempo após o casamento, Guðrún pediu presentes para seu marido e o mesmo deu-lhe um tapa no rosto, o que a deixou furiosa. E com isso se separaram.

The third justification in the law for immediate divorce was violence committed by one spouse against the other. The sagas recognize such violence as reason for divorce but do not report the serious bodily damage required by law before an automatic divorce could be granted. (JOCHENS, 1995, p. 56)

Essa passagem muito nos diz sobre a facilidade a qual os divórcios eram obtidos e também nos faz pensar que Guðrún era uma mulher determinada e que não se prenderia a um casamento no qual ela não fosse valorizada e onde o marido a agredisse. Algo que não é muito comum de se encontrar nos mais diversos estudos sobre período medieval. Assim como eram muitos os motivos pelos quais as pessoas buscavam pela separação, como o próximo marido na qual ela veio a se casar, Thord, se separou da mulher, pois alegou que a mesma estava se vestindo⁹ de maneira muito masculina e esse era um argumento muito válido para que a separação fosse requisitada. Como as Grágás citam:

If women become so deviant that they wear men's clothing, or whatever male fashion they adopt in order to be different, and likewise if men adopt women's fashion, whatever form it takes, then the penalty for that, whichever of them does it, is lesser outlawry. It is a summoning case. Five neighbours of the man or woman prosecuted are to be called for it at the assembly. The case lies with anyone who wants it. (FOOTE, p.69-70).

Falando sobre o segundo casamento de Guðrún, logo após a separação de Thord, o mesmo propôs o matrimônio, e o pai dela concordou que os dois

⁹ As roupas eram uma importante forma de reconhecer o lugar social das pessoas, como se pode observar nessa parte do texto de Luciana de Campos. Os homens e as mulheres se vestiam de acordo com o sexo, idade, status econômico e social. Os homens usavam as calças e as túnicas e as mulheres usavam faixas que envolviam as pernas e o baixo ventre, como roupas íntimas. As roupas mais comuns, usadas no cotidiano e principalmente para o trabalho nas fazendas, eram feitas de materiais cultivados pelas próprias famílias, como lã e linho, que eram cardados, fiados e tecidos pelas mulheres. [...] As roupas foram tecidas em muitas cores diferentes. O fio colorido poderia ser produzido ao ser fervido com várias plantas que produziam corantes. As cores que os arqueólogos identificaram como as mais usadas na Era Viking foram o amarelo, vermelho, roxo e azul. O azul só foi encontrado nos enterros de indivíduos ricos, pois aparentemente era uma cor de difícil acesso e custava caro. (CAMPOS In: LANGER (org.), 2017, p. 702 e 705)

se casassem e dessa vez ela não fez objeções. Porém a ex-mulher de Thord não ficou satisfeita com o fim do casamento e o atacou com uma espada, causando um grave ferimento. Mas ele veio a falecer um tempo depois devido a um acidente no mar causado por uma forte tempestade. Guðrún estava grávida e quando o filho nasceu o nomeou de Thord em homenagem ao pai. Snorri the Godi se ofereceu para criar seu filho e ela aceitou.

Para reforçar o vínculo existente entre as famílias, muitas vezes os filhos de uma determinada família eram adotados por outra de mais posses e prestígios, e vice-versa. (...) Além disso, esses pactos de adoção eram uma forma de redistribuir as crianças entre as famílias. Como a taxa de mortalidade infantil era tão elevada, alguns casais não possuíam filhos nascidos e vivos e essa adoção era uma maneira de levar uma criança a uma família que não possuía prole. (CAMPOS; In: LANGER (org.), 2017, p.255).

Guðrún com o tempo foi se aproximando cada vez mais de Kjartan, a ponto de desenvolver sentimentos. Kjartan estava indo se aventurar pela Noruega e Guðrún pediu para ir com ele, porém ele disse que seria impossível, pois os irmãos dela eram inexperientes e o pai já estava velho não tendo ninguém para se responsabilizar por ela. Guðrún não gostou muito da ideia e quando Kjartan pediu para que ela o esperasse por pelo menos três anos, a mesma disse que não poderia prometer nada a ele, ficando assim os dois desentendidos.

Com isso Kjartan e seu irmão adotivo Bolli partiram para sua aventura. Chegando na Noruega perceberam que uma nova religião estava sendo incorporada, o que despertou o interesse em ambos, fazendo com que eles viessem a ser batizados. Após um tempo eles voltaram para a Islândia com o intuito de converter as pessoas para o cristianismo¹⁰, Bolli foi o primeiro a retornar ao seu local de origem. Com isso, Guðrún foi até ele perguntar sobre

¹⁰ O cristianismo era visto como mais uma forma de crença diferente, assim como as várias outras por eles já conhecidas. Essa mudança foi uma conversão política. Os estudos mais recentes sobre a cristianização da Islândia argumentam acerca da violência dessa conversão, que embora não congregue formas de violência física, foi simbólica e representativa. O resultado desses processos é um cristianismo diverso e variado. Mesmo que apresentado sob a mesma nomenclatura, as peculiaridades regionais, com a cultura local e a política de cada região influenciaram a visão de mundo e nas práticas cristãs. As práticas pré-cristãs não desapareceram com a conversão ao cristianismo, mas encontraram sua resistência na cultura local por meio das adaptações na religiosidade, procedimento que também ocorreu com as práticas sociais. Apesar de ter se abandonado o culto aos deuses antigos, as práticas pré-cristãs se sedimentaram naquela sociedade de tal forma que os efeitos de longa duração são observáveis até os dias atuais. (OLIVEIRA In: LANGER (org.), 2017, p. 156)

Kjartan, e ele respondeu que Kjartan agora era leal ao rei da Noruega, o que a deixou confusa querendo saber mais sobre a razão dele estar tão próximo do rei. Bolli falou que o rei tinha intenções de casar Kjartan com a sua irmã. Guðrún disse estar feliz com a notícia, porém não era o que aparentava.

Após essa conversa, a Saga começa a ser narrada voltada para as tensões que são partes fundamentais nas composições das Sagas de Família. Assim pode-se observar na Saga que Bolli passa a se aproximar cada vez mais de Guðrún a ponto de pergunta-la sobre casamento e a mesma responder que não se casaria com ninguém enquanto Kjartan fosse vivo. Bolli não digeriu muito bem a resposta e disse que ela iria esperar por muito tempo então e que se Kjartan a considerasse tão importante, teria ao menos enviado alguma mensagem para ela.

Bolli foi então conversar com seu tio Olaf, o qual o criou desde pequeno, sobre se casar com Guðrún e pedir que o ajudasse a conseguir esse feito. Então foram conversar com Osvíf, pai de Guðrún, e o mesmo falou que Guðrún era viúva e que ela quem teria o poder de decidir sobre isso, mas que iria ajuda-lo com a filha. Feito isso, Guðrún cedeu ao pedido do pai e aceitou se casar com Bolli. Logo Kjartan voltou para a Islândia, sabendo que o país estava em processo de conversão, ao chegar lá seu pai deu a notícia de que Bolli iria se casar com Guðrún, muitos ficaram receosos acerca da sua possível reação, seu pai então pediu para que ele fosse conversar com Bolli e que acertassem suas diferenças.

Ao ir para o Norte, Kjartan pediu para se casar Hfrena, com isso ele deu o adorno de cabeça que trouxe para Guðrún para Hfrena. Foi uma festa grandiosa e Guðrún pediu para que as outras mulheres tratassem Hfrena de maneira respeitosa. Tudo iam relativamente bem com o passar do tempo, até que Bolli e Guðrún resolveram comprar umas terras, porém Kjartan não gostou da ideia e foi negociar a terra para que ele comprasse ao invés do irmão. Essa atitude de Kjartan fez com que Bolli ficasse indignado e juntou com os irmãos de Guðrún para que um embate fosse travado. Bolli veio a matar Kjartan e este morreu em seus braços, causando grande remorso sobre essa ação. Guðrún demonstrou estar satisfeita com a situação, mas não por causa das terras, mas sim porque a mulher de Kjartan não teria mais ele.

Na primavera, Guðrún deu a luz a um menino, que se chamou Thorleik e no inverno a outro que se chamou Bolli em homenagem ao pai que veio a ser

assassinado devido à vingança dos irmãos de Kjartan. Após doze anos, ainda estava em busca de vingança¹¹ pela morte do marido e assim foi se encontrar com Snorri que a aconselhou não levar adiante isso, pois não teria fim. Guðrún estava relutante e Snorri deu a ideia de chamar Thorgils para executar o plano, Guðrún aceitou, mas disse que teria um problema, ela teria que se casar com ele caso fosse pedir tal coisa, o que ela não queria. Então Snorri propôs que ela falasse com ele que não se casaria com nenhum outro homem do país caso aceitasse essa aventura. Thorgils aceitou e estava muito satisfeito, com isso partiu para a vingança juntamente como filhos de Guðrún que somente iriam acompanhar para que vissem a vingança ser executada e não participariam do ato, pois ainda eram muito novos.

Na Era Viking, os meninos somente poderiam participar de combates a partir de uma certa idade, entre 13 e 19 anos, antes disso eram considerados crianças e desenvolviam outros trabalho, como podemos observar:

Algumas crianças eram tratadas com muita severidade, outras com mais tolerância. Desde muito cedo, as crianças colaboravam diretamente nos trabalhos das fazendas no artesanato ou nos negócios. Inicialmente, meninos e meninas eram convocados para trabalhos simples. Posteriormente, com o avanço da idade, eram incumbidos de tarefas apropriadas para o seu sexo, como por exemplo, fiação e tecelagem para as garotas e metalurgia para os garotos. Entre 13 e 19 anos, ocorria a passagem para a vida adulta. Na aristocracia e na realeza, os garotos eram convocados para atuar na política e na guerra, na metade da adolescência. (LANGER, 2009, p.174)

Thorgils então cumpriu com a vingança, matando Helgi, e chegando de volta, foi cobrar o combinado com Guðrún. Ela então respondeu que havia cumprido a promessa, ela iria se casar com um homem de fora do país, isso deixou Thorgils enfurecido e o mesmo se retirou.

Um tempo após os últimos acontecimentos, Snorri foi visitar Guðrún com Thorkel Eyjolfsson, pois este tinha interesse em se casar com Guðrún. Ela respondeu que deixaria a decisão para seus filhos, seu filho Bolli disse que

¹¹ Segundo Gunnvor Silfrahárr, era comum nas sociedades germânicas que esse processo de retaliação e vingança tomasse proporções muito maiores do que as do insulto primeiro e originário. Muitas vezes esse padrão de comportamento vingativo tornava-se um sangrento ciclo entre famílias: quando uma delas acreditava ter obtido sua vingança, a outra sentia-se no direito de vingar-se, e assim continuamente. A tendência era que esse processo se perpetuasse até que, com o passar de gerações, ou a ofensa inicial fosse esquecida, ou então toda uma linhagem terminasse morta. Esse tipo de disputa violenta foi glorificada em várias Sagas Islandesas e estava presente também no poema épico anglo-saxão Beowulf, imortalizando o tema por meio da literatura. [...] As disputas de rixas de sangue eram, portanto, de cunho moral em seu aspecto vingativo, um meio de se punir violações de normas sociais, como a ofensa da honra, o roubo e a morte. (ALVES; In: LANGER (org.), 2017, p. 187)

seria uma boa escolha, mas que essa decisão caberia a ela. Feito isso foi decidido que eles iriam se casar. E que o banquete seria em Helgafell e não importava o valor, ela iria pagar. Thorkel tornou-se um importante chefe local, muito popular e respeitado, ele e Guðrún tiveram um filho que se chamou Gellir. Quando Thorkel faleceu, Guðrún se tornou muito religiosa, sendo a primeira islandesa a aprender o Livro dos Salmos e virou freira e anacoreta.

Um diálogo interessante entre ela e seu filho foi:

Then Bolli spoke: "Will you tell me something, Mother, that I'm curious to know? Which man did you love the most?"

Guðrún answered: "Thorkel was the most powerful of men and most outstanding chieftain, but none of them was more valiant and accomplished than Bolli. Thord Ingunnarson was the wisest of these men and the most skilled in law. Of Thorvald I make no mention."

Bolli then spoke: "I understand clearly enough what you say of the qualities of each of your husbands, but you have yet to answer whom you loved the most. You've no need to conceal it any longer."

Guðrún answered: "You press me hard on this point, my son", she said. "If I wished to say this to anyone, you would be the one I would choose."

Bolli asked her to do so.

Guðrún then spoke: "Though I treated him worst, I loved him best." (KUNZ, 1997, p.387-388)

Após bons anos vividos, Guðrún veio a falecer e foi enterrada em Helgafell mesmo, tornando-se uma das mulheres mais conhecidas da Islândia.

A Laxdæla Saga nos oferece uma visão ampla a cerca da relação das mulheres com o casamento, separação, viuvez e autonomia nessa sociedade. Guðrún é retratada como uma mulher muito inteligente e com personalidade forte, onde não aceitava imposições e atitudes que viessem a desrespeitá-la de seus maridos, demonstrando confiança ao recorrer ao divórcio com o seu primeiro marido. A partir desse momento a Saga nos mostra que Guðrún representava uma mulher que conhecia seus direitos e os exercia, mesmo sabendo que as mulheres não tinham permissão de serem presentes nas assembleias políticas.

Também podemos analisar que Guðrún era uma mulher que gostava de dar ordens principalmente quando relacionadas às vinganças, ela não se curvava perante o que os homens a aconselhavam, sendo firme em suas decisões. Assim como não vemos Guðrún sendo associada ao posto de dona de casa, mas sim ligada ao cuidado com os filhos e tendo conversas com os maridos para tomarem alguma decisão.

O que nos chama atenção é o fato de Guðrún ter se casado quatro vezes, o que não era muito comum na época, mas como podemos ver, não era improvável. Pode-se perceber que o casamento realmente era algo relacionado aos contratos que eram pré-estabelecidos, não tendo ligação direta com os sentimentos¹², esses poderiam ser desenvolvidos com o passar dos anos. Guðrún mesma não se casou com o homem no qual foi apaixonada quando mais nova, mas ao final disse ter amado o três últimos maridos, não com a mesma intensidade.

Ser viúva fez com que Guðrún tivesse autonomia na escolha de seus maridos, ganhasse notoriedade no local em que vivia, fazendo com que tivesse vários pretendentes e pessoas disponíveis para ajuda-la quando fosse necessário. Guðrún transcende o estereótipo de mulher medieval¹³ que encontramos em alguns produtos midiáticos, atuando em espaços antes nunca vistos na Islândia no que se refere ao cristianismo, tendo coragem de se aventurar por uma crença ainda pouco conhecida, tornando-se freira em um lugar aonde o cristianismo ainda vinha conquistando adeptos.

A Laxdæla Saga além de nos apresentar os principais acontecimentos na ilha durante o período de colonização nos mostra as diversas atuações de mulheres, apesar de termos dado ênfase em apenas uma, há diversas passagens de mulheres que em conjunto aos seus maridos falam sobre terras e vinganças, fazendo nos indagar até que ponto poderia a mulher tratar desses assuntos. Não podemos deixar de considerar que a Laxdæla Saga é uma importante obra para que pensemos sobre as mulheres nórdicas medievais.

¹² O que entendemos como amor na atualidade, não condiz com o que as pessoas do período medieval sentiam. O amor é uma construção social que muda conforme a época, assim como o que se entende sobre o casamento, eu na Islândia Medieval era relacionado aos acordos feitos anteriormente pela família de ambas as partes e atualmente é associado aos sentimentos que envolvem os casais.

¹³ Ligada somente ao espaço privado cuidando da casa e dos filhos, sendo subordinada ao marido e excluídas da História.

5- Considerações finais:

Observando o que foi abordado nesse trabalho, podemos perceber que ainda há muito que ser estudado quando nos referimos as Mulheres Nórdicas Medievais. Porém não podemos deixar de enfatizar os avanços que estamos tendo ao voltar os nossos olhares para essa época e pensar sobre quais ações as mulheres desempenham para o desenvolvimento dessas sociedades e quais foram as colaborações que elas tiveram nos processos de colonização da Islândia. Acreditamos que essas pontuações estão vem sendo feitas por Jenny Jochens, Luciana de Campos, Jesse L. Byock, Johnni Langer, Jóhanna Katrín Friðriksdóttir, entre outras (os) estudiosas (os) da Era Viking, Escandinavística e Povos Nórdicos.

Podemos reflexionar que haviam muitas outras mulheres desempenhando papéis similares ao de Guðrún e outras que estavam ligadas também a agricultura e cuidados com a casa que talvez não tiveram seus nomes representados nas Sagas, mas que estavam ali colaborando para que toda a História se desenvolvesse. Acredito que para explorar melhor essa Saga, uma análise mais profunda das Grágas deveria ser feita para que possamos de fato investigar o que estava condizendo com a realidade da época na Laxdæla Saga e o que era ficção. Mas é impossível não dizer que para o estudo de gênero do período medieval, essa é uma Saga repleta de passagens que nos proporcionaram as análises feitas no capítulo anterior.

Acredito que com esse trabalho poderemos compreender sobre as diversas mulheres existentes no período medieval, deixando de lado visões negativas sobre as mulheres, ligando-as somente ao espaço privado e sendo subordinadas aos homens e á igreja, pois aqui percebemos duas mulheres da época que tinham bastante autonomia perante aquela sociedade e que mesmo após o cristianismo ter chegado à Islândia, Guðrún estava presente nos mais diversos acontecimentos que envolviam conflitos e organização de vinganças.

Com isso podemos concluir que as mulheres nórdicas tinham atitudes e comportamentos que se destoavam das outras mulheres na Europa durante o Medievo. Deixando-nos ainda mais desejosos de que mais estudos sobre o período e o local venham a ocorrer para que possamos escrever uma história que fala sobre a multiplicidade de mulheres que haviam nessa época.

Bibliografia:

Fonte Primária:

The Saga of the People of Laxardal. The Saga of Icelanders: A Selection. Tradução Kenva Kunz, PENGUIN BOOKS, 1997, p.276-388.

Bibliografia:

ANDERSSON, Theodore M. **The Icelandic Family Saga: AN ANALYTIC READING.** Cambridge: HARVARD UNIVERSITY PRESS, 1967.

AUERBACH, Loren. Female Experience And Authorial Intention In Laxdoela Saga. **SAGA-BOOK:** Viking Society For Northern Research, University College London, v. 25, p. 30-53, 1998-2001

BYOCK, Jesse L. **Viking Age Iceland.** [S. l.]: PENGUIN BOOKS, 2001

BURKE, P. **A escrita da História:** Novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.

CAMPOS, Luciana de. **LITERATURA E MITO NA ESCANDINÁVIA MEDIEVAL. ASPECTOS DA MULHER GUERREIRA NA SAGA DE HERVÖR.** Orientador: Prof. Dr. Fabrício Possebon. 2018. 227 p. Tese (Doutora em Letras) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/ppgl/wp-content/uploads/2018/07/Tese-Luciana-de-Campos.pdf>. Acesso em: 4 nov. 2020.

DAVIS, Natalie Zemon. "Women's History" in Transition: The European Case. **Feminist Studies**, [s. l.], v. 03, ed. 3/4, p. 83-103, 1976. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3177729?origin=JSTOR-pdf&seq=1>. Acesso em: 4 nov. 2020.

FABBRO, Eduardo. Sonhos. In: LANGER, Johnni. **Dicionário de Mitologia Nórdica:** Símbolos, Mitos e Ritos. 1. ed. São Paulo: Hedra, 2015. cap. Sonhos, p. 481-482.

FRÍÐRIKSDÓTTIR, Jóhanna Katrín. **WOMEN IN OLD NORSE LITERATURE: BODIES, WORDS, AND POWER**. 1. ed. New York: PALGRAVE MACMILLAN, 2013. ISBN 978-1-349-29862-4.

GRAGAS Laws of Early Iceland. Tradução: DENNIS, A.; FOOTE, P.; PERKINS, R. (Eds.). Winnipeg: THE UNIVERSITY OF MANITOBA PRESS, v. II, 1980.

JOCHENS, Jenny. **Women in Old Norse Society: A Portrait**. New York: Cornell University Press, 1995. 266 p.

LANGER, Johnni. HISTÓRIA E SOCIEDADE NAS SAGAS ISLANDESAS: PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS. **Alétheia - Revista de estudos sobre Antigüidade e Medievo**, [s. l.], v. 1, p. 1-15, 2009. Disponível em: https://www.academia.edu/752526/HIST%C3%93RIA_E_SOCIEDADE_NAS_SAGAS_ISLANDESAS_PERSPECTIVAS_METODOL%C3%93GICAS_ALETH%C3%89IA_1_2009. Acesso em: 3 mar. 2021.

_____. **Deuses, Monstros, Heróis**: ensaios de mitologia e religião viking. Brasília: Universidade de Brasília, 2009. 285 p.

_____. **Dicionário de História e Cultura da Era Viking**. São Paulo: Hedra, 2017. 792 p. ISBN 978 85 7715 5491

_____. Estudos Nórdicos Medievais: alguns apontamentos historiográficos. **Roda da Fortuna**, v. 06, p. 09-24, 2017.

PERROT, Michelle. ESCREVER UMA HISTÓRIA DAS MULHERES:: relato de uma experiência. **Caderno Pagu**, [s. l.], ed. 04, p. 9-28, 1995.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter. (org.) *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo, Unesp, 1992, pp.64-65

_____. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**, New York, Columbia University Press. 1989.